

Sobre o sentimento de consideração com o outro (*concern*)¹

Michele Melo Reghelin²

RESUMO

Conforme Winnicott, o *concern* inicia com a relação mãe-bebê, na qual a mãe deve propiciar um ambiente suficientemente bom para que o bebê possa experimentar os sentimentos de amor e de ódio. Para isso, deve acolher o gesto espontâneo do seu bebê, tolerando os aspectos agressivos e, assim, ajudando-o a distinguir seus sentimentos, além de poder ajudá-lo a suportar a culpa e desenvolver a capacidade de reparação e consideração com o outro.

Neste sentido, este trabalho visa a compreender a importância da aquisição do estágio de *concern* na vida do indivíduo a fim de construir a base do sentimento moral e ético, o que pode evitar a tendência antissocial.

Palavras chave: ambiente, *concern*, consideração, ódio.

ABSTRACT

According to Winnicott, *concern* begins with the mother-infant relationship in which mother must provide a good enough environment to the baby experience feelings of love and hate. To do so, spontaneous gesture of baby should be welcome, in order to help him to tolerate aggressive aspects and thus helping to distinguish their feelings. That is a way to shoulder the blame and develop their ability to repair and have consideration to each other.

Thus, this study aims to understand the acquisition stage of concern importance in an individual's life in order to build the foundation of moral and ethical sense, which may prevent antisocial tendency.

Keywords: environment, concern, consideration, hatred.

REVISÃO TEÓRICA

Concern foi o termo cunhado por Winnicott para designar o estágio de preocupação com o outro, semelhante a alguns aspectos utilizados no conceito de posição depressiva de Melanie Klein. Segundo o

¹ Trabalho apresentado no XXI Encuentro latinoamericano sobre el pensamiento de Donald W. Winnicott - Dialogando con Winnicott en el siglo XXI, Buenos Aires, 2012.

Publicado na *Rabisco Revista de Psicanálise* (2013). Porto Alegre: Seminários Winnicott POA, 3 (1), 101-108.

² Psicóloga (PUCRS). Especialista em Teorias e Psicoterapias Psicanalíticas da infância, adolescência e adultos (CIPT). Mestre em Psicologia Clínica (UNISINOS). Brasil. michelereghelin@gmail.com

autor (1963a/1983), o *concern* inicia com a relação mãe-bebê, na qual a mãe deve propiciar um ambiente suficientemente bom para que o bebê possa experimentar os sentimentos de amor e ódio. Neste momento, a mãe precisa acolher o gesto espontâneo do seu filho e, para isso, adapta-se às necessidades dele, considerando que quando ele a ataca não tem intenção de feri-la, afinal, trata-se de um impulso biológico. Para isso, ela precisa ser disponível e sobreviver aos episódios gerados pelo instinto do bebê, que agora atingem as fantasias de sadismo oral. Como consequência, na medida em que tolera a agressividade do seu bebê, até mesmo ficando brava, mas não se vingando, ela propicia que ele distinga o amor do ódio, o que permite a entrada da reparação e a restituição do mesmo.



Calvin and Hobbes (Watterson).

O estágio do *concern* ocorre quando o bebê passa a se sentir preocupado com a mãe, marcando a passagem do pré-remorso para o remorso, refere Abram (2000). É neste momento que surge a culpa verdadeira, fonte de potência e construtividade, além de base do sentimento moral e ético do adulto, que também faz parte da maturidade emocional e da saúde (Winnicott, 1963b/1983). A culpa aqui originada é saudável, tendo em vista que ao experimentar tal sentimento, a criança passa pressupor a existência do outro e da importância do cuidado com o mesmo, implicando no senso de responsabilidade e consideração já encontradas na base de todo brinquedo construtivo pertencente à vida sadia do sujeito. A capacidade de *concern* pode ser estabelecida, e é fortalecida, ao longo dos anos, mas é fato que a maioria dos processos de desenvolvimento inicia nas relações mais primitivas. Isso se deve ao fato de que essas relações se caracterizam por serem mais intensas, já que sugerem, primeiramente, uma ligação entre a mãe e o bebê (fusão) e posteriormente, a sua separação, estabelecendo o eu da criança como uma unidade (Winnicott, 1963/1999). Essa fusão, necessária nos primeiros momentos da vida, é responsável por reunir as pulsões eróticas e agressivas em torno de um objeto, ao mesmo tempo. Enquanto a agressão implica o erotismo muscular e o ódio, os aspectos eróticos visam à satisfação e à busca do objeto. Assim, o *concern* somente é atingido quando é possível aliar ambos os impulsos em um único objeto, constituindo assim, uma organização egoica. A partir disso, a criança passa a se relacionar com objetos cada vez mais percebidos e não

subjetivos. A mãe, agora objeto total e, portanto, fonte de amor e ódio, fica internalizada na mente da criança, de forma que ela possa ser alvo da expressão de ambos os sentimentos do seu filho.

Assim, durante esse processo de dependência relativa, (chamado por Freud de narcisismo primário), o bebê precisa fazer um grande esforço, pois ele necessita vê-la como diferente dele (distinguir o eu do não eu). É a busca da aquisição de um status unitário, de que as duas mães pertencentes à sua fantasia – a mãe dos períodos de tranquilidade e a mãe dos períodos de agitação – passam a ser denominadas de mãe ambiente e de mãe objeto. De acordo com Winnicott (1963a/1983), a mãe objeto é aquela que provê de imediato as necessidades do bebê, enquanto a mãe ambiente evita o imprevisto, provendo o cuidado e o manejo global. É um círculo benigno no qual o bebê poderá tolerar o que o seu instinto biológico provoca (Winnicott, 1954 a/2000).

Uma figura materna confiável, que seja capaz de ajudar na reparação, é fundamental para que a culpa possa ser tolerada e para que se desenvolva a capacidade de *concern*. Ao confiar gradativamente na mãe ambiente, ele contribui com esta e consegue assim desenvolver a consideração com o outro. Essa possibilidade de deixar para o bebê a função de reparação propicia que ele se torne mais audacioso com as suas pulsões de id, libertando a sua vida instintual, diz Winnicott, 1963/1999. Já a mãe que provê tudo para seu filho acaba por retrain a criança. Uma mãe pode falhar quanto às necessidades do id, mas não pode decepcionar quanto às necessidades do ego (Winnicott, 1956/1999). Ademais, cabe à mãe diferenciar os limites entre o que é permitido ou não, ajudando a criança a se organizar até que ela se desenvolva e construa um mundo interno na qual essa mãe ambiente esteja internalizada para que assim possa adquirir gradativamente o próprio controle da sua vida e não precisar mais depender do controle externo.



Calvin and Hobbes (Watterson).

Ainda, a distinção entre amor e ódio acontece na medida em que a mãe consegue sustentar, no tempo, um período crítico da vida do bebê, ajudando-o a tornar tais sentimentos controláveis, fazendo com que a ambivalência seja então uma aquisição do desenvolvimento emocional (Winnicott, 1954a/2000). Dessa forma, as projeções e os aspectos que lhe são dirigidos esperam por uma oportunidade para que possam ser reparados, e se isso não ocorre, surge a culpa, que nesse sentido é punitiva e não mais elaborativa.



Calvin and Hobbes (Watterson).

No início da vida, a relação da criança com o mundo externo ainda não está enraizada e, portanto a sua personalidade ainda não está integrada. O amor primitivo ainda tem um propósito destrutivo, já que ela não aprendeu a tolerar e enfrentar seus instintos. Dessa forma, a criança necessita primeiramente viver um círculo de amor e força para não temer seus próprios pensamentos (Winnicott, 1966/1999). Sendo assim, uma criança normal em um ambiente confiante e tranquilizador utiliza todos os meios possíveis para se impor. Através do ato de destruir, assustar e até mesmo cansar seus pais, ela testa a instituição familiar na qual vive, bem como os limites que a circundam e o quanto o adulto é capaz de lhe prover segurança para que possa “experimentar” sem ficar desamparada. Se o lar é capaz de suportar sem se desorganizar, torna-se a referência positiva necessária para que ela possa se acalmar e ir brincar (Winnicott, 1946/1999).



Calvin and Hobbes (Watterson).

No entanto, quando a criança ainda não atingiu o estágio de preocupação, ela fica autorizada a buscar soluções que desconsiderem a existência do outro. Esse é o caso da tendência antissocial, na qual a criança não conseguiu adquirir uma integração interna, passando a empregar defesas como a clivagem e a desintegração. Winnicott (1946/1999) cita como exemplo o furto. A criança que rouba dentro de casa, na verdade deseja a mãe, criada por ela e sobre a qual tem direitos. Já quando furta fora de casa, de alguma forma procura o objeto materno, mas de forma frustrada, necessitando encontrar a autoridade paterna para que ele proteja a mãe quando esta for encontrada, estabelecendo então um limite ao comportamento e à atuação de ideias que surjam quando está ansiosa. Tal atitude é um pedido de socorro para que alguém possa acolhê-la, indicando esperança, afinal, ela está buscando algo que um dia teve e que lhe foi tirado (deprivação). Assim sendo, na tendência antissocial o sujeito compele alguém para que cuide das suas pulsões inconscientes. Além disso, quando comete atitudes destrutivas, está buscando na verdade a estabilidade emocional que suporte a tensão originada pelo seu comportamento impulsivo (Winnicott, 1956/1999). Enquanto não encontra amparo, se encaminha para a delinquência, necessitando cada vez mais de um pai rígido e severo para poder recuperar os seus impulsos primitivos de amor, o sentimento de culpa e o desejo de reparação.

Diante disso, é possível dizer que com os pacientes que tiveram uma maternagem não suficientemente boa ou interrompida, a psicoterapia poderá proporcionar um novo começo do verdadeiro *self* com um ego forte, capaz de organizar suas próprias defesas contra as ansiedades derivadas dos impulsos e das experiências do id. Do mesmo modo que uma mãe deve agir com o seu bebê, o analista também deve ser capaz de acolher a demanda do paciente, ajudando-o a reconhecer os aspectos bons e maus, bem como a estabelecer a distinção entre eles. Através da sobrevivência do analista, o sujeito pode organizar-se psiquicamente (Winnicott, 1947/2000) e, para isso, ele também deve se dar conta dos seus próprios medos e do seu próprio ódio. Tal situação acontece porque no trabalho terapêutico há um envolvimento com o paciente à medida que primeiro se fica vulnerável; depois ocorre a identificação com a criança que depende dele e então, é oferecido ao paciente suporte para que cresça e se torne independente (Winnicott, 1963c/1983). Não se trata do analista ser bonzinho, posto que o bebê necessita de ódio para odiar (Newman, 2007), mas refere-se ao fato de poder odiar contratransferencialmente e não reativamente: poder tolerar sem retaliar: “... em certos estágios de certas análises, o ódio do analista é na verdade buscado pelo paciente, e nesses momentos é necessário expressar um ódio que seja objetivo...” (Winnicott, 1947/2000, p.283). Logo, a agressividade poderá ser uma conquista e o início da inserção na cultura, desde que o bebê (sujeito) possa expressar o seu ódio ao invés de aniquilar o mundo magicamente, lembra Newman (2007).

Embora paciente e analista anseiem pelo término da análise, esta não findará enquanto o fundo do poço não tiver sido alcançado (Abram, 2000), aquilo que é temido não tiver sido vivenciado (Winnicott,

1963/1994). Portanto, ao analista pertence a tarefa de funcionar como um ego auxiliar do paciente, ajudando-o a colocar o colapso no passado, para que não se sinta mais perseguido por ele. Isso só poderá ocorrer quando o ego puder ter um controle onipotente e adquirir as experiências do presente, o que será feito através de informações em torno do amor e da ambivalência do sujeito. Através da transferência na qual será possível uma nova ligação egoica, o sujeito regredirá àquela antiga situação do trauma, e novamente o experimentará, porém, agora de forma organizada. Nas palavras de Winnicott (1954b/2000): “a regressão alcança e fornece um ponto de partida, o que eu chamaria de um lugar de onde é possível operar. O eu é encontrado... e o que acontece daqui em diante é sentido como real” (p.388).

Sendo assim, contrariando a opinião de Melanie Klein, para Winnicott, o ódio não é inato nem é a manifestação da pulsão de morte, mas significa que alcançou um determinado estágio do desenvolvimento emocional. É, portanto, uma conquista.



Calvin and Hobbes (Watterson).

REFERÊNCIAS

- Abram, J. (2000). A bagagem de Winnicott. Dicionário de Palavras e Expressões utilizadas por D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter.
- Newman, A. (2007). As ideias de D.W. Winnicott: um guia. Rio de Janeiro: Imago.
- Watterson, B. Calvin and Hobbes. www.google.com.br
- Winnicott, D. W. (1983). O Desenvolvimento da capacidade de se preocupar. Em D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (pp.70-78). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1963a).
- Winnicott, D. W. (1983). Moral e Educação. Em D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (pp.88-98.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1963b).

- Winnicott, D. W. (1983). Os doentes mentais na prática clínica. Em D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (pp.196-206.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1963c).
- Winnicott, D. W. (1994). Medo ao colapso. Em C. Winnicott. (org.), *Explorações psicanalíticas*. (pp.70-76). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1963).
- Winnicott, D. W. (1999). Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. Em D. W. Winnicott, *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1946).
- Winnicott, D. W. (1999). A tendência antissocial. Em D. W. Winnicott, *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1956).
- Winnicott, D. W. (1999). O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. Em D. W. Winnicott, *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1963).
- Winnicott, D. W. (1999). Ausência do sentimento de culpa. Em D. W. Winnicott, *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1966).
- Winnicott, D. W. (2000). O ódio na contratransferência. Em D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (pp.277-287). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1947).
- Winnicott, D. W. (2000). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. Em D. W. Winnicott, *Da pediatria a psicanálise: obras escolhidas*. (pp.355-373). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1954a).
- Winnicott, D. W. (2000). Aspectos Clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. Em D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (pp.374-392). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1954b).